

O MAL- DO- SÉCULO

TOCA UM TRECHO DA MÚSICA (VÍDEO) DE CAZUZA: DOWN EM MIM.

A MÚSICA PARA E DOIS AMIGOS ENTRAM NO PALCO CONVERSANDO.

- Nossa! Que música mais pra baixo! Lembrei de um trabalho que eu preciso fazer na escola.

É sobre o mal-do-século, você já ouviu falar?

- É claro que já. Poxa vida! Mas que tema mais deprê. Cá entre nós esse tema já deu o que tinha que dá. Desculpa a minha opinião, mas você não acha isso?

- Bem, deprê eu vou ter que aceitar, mas fora de moda, protesto. Logo uma roqueira como você dizer isso!

- O que tem a ver uma coisa com a outra cara?!

- Defina, então, o que quer dizer mal-do-século.

- Eu?! Assim de improviso?

- Deixa de onda, você sabe!

- Tá bom! Mal-do-século mesmo é a tuberculose, a doença que atingiu milhares de pessoas no século XIX. Levou muitos à morte.

- Positivo.

- Mas na literatura, pelo que eu me lembro, era o nome de um estado de espírito. É isso aí não é?

- Muito bem! Os poetas do mal-do-século tinham um certo prazer ou conforto em estar triste ou melancólicos. Era comum os poetas dessa fase cantar ou desejar a morte.

- É verdade. Uma melancolia e tédio doentios que foi se traduzindo no apego aos ambientes sombrios e na apreciação da própria morte.

- É tédio! Muito tédio!

- E daí surge o desejo de emoção, aventura, de fugir da prisão da vida. O escapismo, enfim. Esses poetas, em geral, levaram uma vida boêmia, ligeiramente marginal, underground, como se dizia há alguns anos atrás.

- E a maioria morreu muito cedo. Preste atenção que eu vou te mostrar como vai ser meu trabalho. Ali está um poeta do mal-do-século(O NARRADOR APONTA PARA O POETA). Nesse momento ele tá lembrando da infância.

- Mas por que a infância?

- Por que nessa fase ele foi muito feliz. Diferente da vida que leva agora cheia de mágoas e tristezas. Preste atenção!

NO CENTRO DO PALCO, O POETA TOCA OBJETOS DA INFÂNCIA RELEMBRANDO DE UMA ÉPOCA EM QUE ERA FELIZ.

ATOR 1

Oh ! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais !
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

ATOR 2

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d'amor!

ATOR 3

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
De camisa aberta ao peito,
- Pés descalços, braços nus -
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis !

ATOR 4

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar !
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar !

VOLTA O DIÁLOGO ENTRE OS NARRADORES:

- E aí, amiga, tá gostando do meu trabalho?
- Nossa! Esse negócio de mal-do-século é realmente muito interessante. Tô super curiosa.
- Então, vamos continuar. Nesse momento, ele está escrevendo um poema em homenagem ao filho morto.
- Filho morto?! Que filho morto é esse?
- Sim! Quando tinha apenas quatro anos de idade. Agora silêncio, porque ele tá pensando.

O POETA PEGA UMA FOTO E COMEÇA A LEMBRAR DO FILHO MORTO AOS 4 ANOS DE IDADE.

(DURANTE ESSE MOMENTO, TOCA A MÚSICA TEARS IN HEAVEN, DE ERIC CLAPTON)

ATOR 1

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, a inspiração, a pátria,

ATOR 2

O porvir de teu pai! - Ah! no entanto,
Pomba, - varou-te a flecha do destino!
Astro, - engoliu-te o temporal do norte!
Teto, - caíste!- Crença, já não vives!
Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extinta,
Dúbios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!

VOLTA O DIÁLOGO ENTRE OS NARRADORES:

- Realmente tô impressionada. Quanta tristeza, meu Deus! E o no amor, ele foi bem sucedido?

- Que nada! Só decepção.

O POETA LEVA AS MÃOS À CABEÇA – (NESSE MOMENTO, TOCA A MÚSICA TEMPESTADE DA LEGIÃO URBANA)

ATOR 1

Será que eu sou capaz
De enfrentar o teu amor
Que me traz insegurança
E verdade demais
Será que eu sou capaz?

ATOR 2

Veja bem quem eu sou
Com teu amor eu quero que sintas dor
Eu quero ver-te em sangue e ser teu credor

JOGRAL

Veja bem quem eu sou.

VOLTA O DIÁLOGO ENTRE OS NARRADORES:

- Meu Deus, quanto sofrimento! Eu não queria uma vida dessa pra mim de jeito nenhum.

- É por isso que o poeta agora está possuído da ideia de morrer. É o famoso escapismo romântico. Só assim ele consegue aliviar tanto sofrimento.

- Mas ele vai morrer?

- Calma! Eu não posso te antecipar o final ainda. Vamos continuar acompanhando.

O POETA PEGA UMA ARMA E COMEÇA A REFLETIR SOBRE A IDEIA DE MORRER)

ATOR 1

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã?

ATOR 2

Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã?

ATOR 3

Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!

ATOR 4

Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

JOGRAL

Se você morresse amanhã!

**(TODOS AO MESMO TEMPO AO REDOR DO POETA, COMO SE FOSSEM
SUA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA)**

POETA

Se eu morresse amanhã, o que teria feito de minha vida? Nada!
Ah! Se eu pudesse viver a minha vida novamente!

ATOR 1

Se eu pudesse novamente viver a minha vida,
na próxima trataria de cometer mais erros.
Não tentaria ser tão perfeito,
relaxaria mais, seria mais tolo do que tenho sido.

ATOR 2

Na verdade, bem poucas coisas levaria a sério.
Seria menos higiênico. Correria mais riscos,
viajaria mais, contemplaria mais entardeceres,
subiria mais montanhas, nadaria mais rios.

ATOR 3

Iria a mais lugares onde nunca fui,
tomaria mais sorvete e menos lentilha,
teria mais problemas reais e menos problemas imaginários.

ATOR 4

Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata
e profundamente cada minuto de sua vida;
claro que tive momentos de alegria.

CEM 02/GAMA

Mas se eu pudesse voltar a viver trataria somente de ter bons momentos.

ATOR 5

Porque se não sabem, disso é feita a vida, só de momentos; não percam o agora.

ATOR 6

Eu era um daqueles que nunca ia a parte alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva e um paraquedas e, se voltasse a viver, viajaria mais leve.

ATOR 7

Se eu pudesse voltar a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria assim até o fim do outono.

ATOR 8

Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez uma vida pela frente. Mas, já viram, tenho 85 anos e estou morrendo

O TRABALHO É ENCERRADO COM TODOS NO PALCO CANTANDO A MÚSICA EPITÁFIO DA BANDA TITÃS.